

revista cidades



 UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL

equipe editorial

Cidades é uma publicação voltada à divulgação de pesquisas e reflexões que envolvem a compreensão da problemática urbana a partir de um olhar preferencial, mas não exclusivamente geográfico.

Fundada em 2002 sob a responsabilidade do Grupo de Estudos Urbanos (GEU), ela está hoje sediada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) sob a responsabilidade de um Conselho Editorial que, em 2020, assumiu a revista sob o compromisso com a pluralidade na produção do conhecimento no campo dos estudos urbanos.

A revista tem como objetivo contribuir para ampliar nossa capacidade de ler e interpretar o processo de urbanização e as cidades num período em que tem se aprofundado a complexidade das relações que orientam processos e dinâmicas e se aceleram o ritmo das transformações.

Cidades está vinculada à linha de pesquisa Produção do espaço urbano-regional do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFFS.

Publicação sob responsabilidade da Universidade Federal da Fronteira Sul Rodovia SC 484 - Km 02, - Chapecó, SC, Brasil. CEP 89815-899
ISSN (online) 2448-1092

cidades.uffs.edu.br
@revistacidades



Programa de
Pós-Graduação
em Geografia

volume 15 | número 24 | ano 2023

Conselho editorial

Dr.^a Catherine Chatel

Université Paris Cité, França

Dr. Igor Catalão

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Dr. Márcio José Catelan

Universidade Estadual Paulista, Brasil

Dr. Oscar Sobarzo

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Dr. William Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Responsável editorial

Dr. Igor Catalão

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Direção de arte e design

Arq. e Urb. Amanda Rosin de Oliveira

Universidade de São Paulo, Brasil

Equipe de apoio

Me. Carliana Grosseli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Me. João Henrique Zoehler Lemos

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vitor Hugo Batista

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Bibliotecária responsável

Franciele Scaglioni da Cruz

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Projeto gráfico e diagramação

AROLab | Amanda Rosin de Oliveira

Capa: Colagem autoral por Inayara Sampaio




Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

Conselho Editorial Internacional


Dr.^a Alicia Lindón, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, México, alicia.lindon@gmail.com
Dr.^a Ana Fani Alessandri Carlos, Universidade de São Paulo, Brasil, anafanic@usp.br
Dr. Angelo Serpa, Universidade Federal da Bahia, Brasil, angeloserpa@hotmail.com
Dr.^a Aurélia Michel, Université Paris Cité, França, aurelia.michel@univ-paris-diderot.fr
Dr. Carles Carreras, Universitat de Barcelona, Espanha, ccarreras@ub.edu
Dr.^a Carme Bellet, Universitat de Lleida, Espanha, carme.bellet@udl.cat
Dr.^a Claudia Damasceno, École des Hautes Études en Sciences Sociales, França, claudia.damasceno@ehess.fr
Dr.^a Diana Lan, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, dlan@fch.unicen.edu.ar
Dr.^a Doralice Sátyro Maia, Universidade Federal da Paraíba, Brasil, dsatyromaia@gmail.com
Dr. Federico Arenas, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, farenasv@uc.cl
Dr. Gabriel Silvestre, University of Sheffield, Reino Unido, g.silvestre@sheffield.ac.uk
Dr. Horacio Capel, Universitat de Barcelona, Espanha, hcapel@ub.edu
Dr. Jan Bitoun, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, bitounjan@gmail.com
Dr. José Borzachiello da Silva, Universidade Federal do Ceará, Brasil, borzajose@gmail.com
Dr. Laurent Vidal, Université de La Rochelle, França, lvidal@univ-lr.fr
Dr.^a Leila Christina Dias, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, leila@cfh.ufsc.br
Dr.^a Luciana Buffalo, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, lubuffalo@gmail.com
Dr. Luis Alberto Salinas Arreortua, Universidad Nacional Autónoma de México, México, luis_arreortua@hotmail.com
Dr.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito, Universidade Estadual Paulista, Brasil, mebsposito@gmail.com
Dr.^a María Laura Silveira, Conicet/Universidad de Buenos Aires, Argentina, maria.laura.silveira.1@gmail.com
Dr.^a Odette Carvalho de Lima Seabra, Universidade de São Paulo, Brasil, odseabra@usp.br
Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, paulo.soares@ufrgs.br
Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos, Universidade Federal da Bahia, Brasil, pavascon@uol.com.br
Dr. Roberto Lobato Corrêa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, lobatocorrea39@gmail.com
Dr. Rodrigo Hidalgo, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, rodrigohidalgogeo@gmail.com
Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior, Universidade Federal do Pará, Brasil, stclair-jr@hotmail.com
Dr.^a Tatiana Schor, Universidade Federal do Amazonas, Brasil, tatiana.schor@gmail.com
Dr. Vincent Berdoulay, Université de Pau et des Pays de l'Adour, França, vincent.berdoulay@univ-pau.fr

índice




P.05 - 08

APRESENTAÇÃO



P.09 - 10


**POLÍTICA
EDITORIAL**



P.11 - 20

**HOJE, A
INTELIGÊNCIA
ESPACIAL**

JAQUES LEVY



P.21 - 48

**LA
FRAGMENTACIÓN
SOCIOESPACIAL A
TRAVÉS DE LA VIDA
COTIDIANA:**
Análisis de prácticas
espaciales de
habitantes de
Marabá-PA (Brasil)


**ALEJANDRO
MORCUENDE;
JEAN LEGROUX**



P.49 - 61

**DEBATE SOBRE
MUNICÍPIOS DE
PEQUENO PORTE
I NA POLÍTICA
DE ASSISTÊNCIA
SOCIAL**

**PAULA FONSECA
DO NASCIMENTO**




P.62 - 87

**OS TERRITÓRIOS
PERIFÉRICOS DA
METRÓPOLE DE SÃO
PAULO:**

Do "Desenvolvimento
desigual e
combinado" à
"Desconstrução
realmente existente"

**DANIEL MANZIONE
GIAVAROTTI**




P.88 - 111

**FACES
CONTEMPORÂNEAS
DA URBANIZAÇÃO
E DO URBANO NO
BRASIL**

Um caso do
semiárido

**DENISE ELIAS;
RENATO PEQUENO**



P.112 - 152

**MOVIMENTOS
SOCIAIS URBANOS
E CIDADANIAS
PERIFÉRICAS
INSURGENTES:**

A luta dos moradores
do Calabar
(Salvador, BA) pelo
direito à cidade

**RAIQUE LUCAS DE JESUS
CORREIA; GABRIEL BARROS
GONÇALVES DE SOUZA;
JOSÉ EUCLIMAR XAVIER DE
MENEZES**

HOJE, A INTELIGÊNCIA ESPACIAL¹

JACQUES LÉVY

Rizoma de Pesquisa Chôros

jacques.levy@choros.place

RESUMO

As recentes conquistas teóricas e epistemológicas das ciências sociais do espaço tornam a questão da disponibilização ao mundo da ação os conhecimentos sobre a dimensão espacial do social. O caminho entre a maior abstração conceitual e a transformação concreta de lugares, territórios e redes revela-se mais curto do que se poderia imaginar.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência do social, geograficidade, atores, urbanismo.

ABSTRACT

The recent theoretical and epistemological conquests of the social sciences of space raise the issue of making knowledge about the spatial dimension of the social available to the world of action. The path between the greatest conceptual abstraction and the concrete transformation of places, territories and networks proves to be shorter than one might imagine.

KEYWORDS: Science of social, geographicity, actors, urbanism.

RÉSUMÉ

Les acquis théoriques et épistémologiques récentes des sciences sociales de l'espace rendent plus pertinente encore la question de la mise à disposition du monde de l'action des connaissances sur la dimension spatiale du social. Le chemin entre la plus grande abstraction conceptuelle et la transformation concrète des lieux, des territoires et des réseaux se révèle plus court qu'on aurait pu l'imaginer.

MOTS-CLEFS: Science du social, géographicité, acteurs, urbanisme.



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

1 | INTRODUÇÃO

Em meio século, as ciências sociais do espaço mudaram profundamente. No seu centro, a Geografia, como muitas outras, era uma disciplina dura abarcando uma ciência flexível. Ela continuava se autodefinindo, há até pouco tempo, com noções “guarda-chuva”, como “ciência de cruzamento” ou “ciência de síntese”, e ninguém mais sabia o que pesquisavam os pesquisadores em Geografia e ainda menos o que eles descobriam.

A Geografia praticava uma epistemologia de avestruz ao ignorar deliberadamente tudo aquilo que poderia questionar as suas bases frágeis. Hoje, embora fraquezas reais permaneçam, tende a se tornar, sem excluir ninguém, o estudo integrador, aberto e inovador da dimensão espacial do social. Para conseguir alcançar isso, os geógrafos tiveram de olhar ao seu redor e encontraram pesquisadores que, como eles, procuravam sair do seu “pavilhão disciplinar” (LÉVY, 2008) e que se interessavam pelo componente espacial do mundo social.

1 Traduzido do francês por Jean Legroux. Revisão da tradução: Igor Catalão e Jacques Lévy.

2 | A GEOGRAFICIDADE FINALMENTE NO CENTRO DA GEOGRAFIA

Uma das características deste meio epistêmico renovado é que a *geograficidade*, feita de ambientes (os espaços) e de ações (as espacialidades), torna-se o seu centro. O fato de que uma ciência do espacial se concentre sobre o espacial parece ser uma ideia de simples bom-senso, mas ainda haveria de arcar com todas as suas consequências.

Assim, um dos efeitos desta mutação diz respeito às linguagens. Quando nos interessamos pelo espaço, utilizamos frequentemente mapas, mas não somos os únicos; ainda mais se considerarmos que a cartografia conhece, por sua vez, uma grande transformação com relação às múltiplas dimensões do numérico. A integração dessa virada cartográfica a um giro geográfico constitui-se num recurso fundamental. As novas geografias preocupam-se em não deixar que se empobreçam os suportes teóricos das linguagens cartográficas.

De maneira mais geral, as mudanças que marcaram a Geografia quando ela começou a dialogar com as outras ciências sociais tiveram como efeito, provavelmente mais que para outras áreas, de abri-la de maneira descomplexada a todos os métodos e técnicas que eram frequentemente a assinatura e o privilégio, guardados ciosamente, de cada território disciplinar circunscrito. As estatísticas, as pesquisas por entrevistas, a análise de discursos, o estudo de *corpus* textuais, a observação participante, os “jogos sérios”¹, a interpretação de obras de arte ou de artefatos arqueológicos e todas as espécies de modelizações formalizadas tornaram-se recursos, por vezes banais, por vezes novos, mas doravante todos legítimos para os geógrafos. Para além das técnicas, a diversidade dos métodos, indutivos ou dedutivos, que partem da descrição reflexiva ou da hipótese imaginativa, e todas as combinações possíveis entre as *démarches* centradas sobre a coerência, bastante teóricas, e aquelas que valorizam a pertinência, bastante empíricas, convidaram-se então ao painel metodológico da Geografia. Os geógrafos ampliaram o leque das suas leituras e dos seus escritos e encontraram os antropólogos, os sociólogos, os cientistas políticos, os historiadores, os economistas e, também, quando lançavam um olhar crítico sobre as *démarches* estatísticas, os matemáticos. Embora, em cada ocasião, os *custos de tradução* sejam significativos, o investimento vale a pena para quem quer estar à altura dos desafios da pesquisa; ler Filosofia tanto quanto o jornal, dialogar com lógicos, mas também com artistas. A ciência do social tornou-se a grande casa acolhedora para aqueles que querem concentrar-se sobre as distâncias, os lugares, os territórios e as redes.

3 | A TEORIA SOCIAL DO ESPAÇO APROXIMA DA AÇÃO

A partir de uma abordagem fundada numa concepção relativa e relacional das distâncias – uma proposição de Georg Wilhelm Leibniz (1715-1716), ou seja, disponível desde o início do século 18, mas que permaneceu longamente ignorada –, as pesquisas geográficas das últimas décadas estabeleceram um alicerce simples e potente que constitui o ponto de partida de uma teoria social do espacial ou de uma teoria espacial do social, o que dá no mesmo.

¹ Um jogo sério é um dispositivo experimental que permite aos participantes serem colocados em uma situação interativa cujas regras simples modelam um ambiente e as ações possíveis. Esta simulação permite interpretações mais fáceis de práticas complexas.

Esse modo de proceder frequentemente transformou o que se limitava antes a postulados estatísticos em pares ou tríades dinâmicos: contato/distância, atores/objetos/meios, material/imaterial/ideal, escala/métrica/substância, lugar/área, território/rede, copresença/mobilidade/telecomunicação, artificial/natural, interface/encaixe/coespacialidade (LÉVY e LUSSAULT, 2013).

Dispomos de uma base sólida, que abre o campo das pesquisas possíveis ao mesmo tempo que o baliza e torna o diálogo com outras áreas da ciência do social simultaneamente mais simples e mais sadio: depois de ter *importado* muito, os geógrafos não são mais condenados a trabalhos subsidiários que se limitam à *localização* dos conceitos dos outros. Melhor ainda, não são mais apenas os importadores das ideias nascidas em outros dispositivos epistêmicos. O alcance e a fineza das suas teorias interessam: tornaram-se também *exportadores*.

O que há de ser destacado no conhecimento do social é que, contrariamente ao que observamos na física, a distância entre a teoria mais abstrata e a técnica mais imediatamente eficaz é curta. Os pesquisadores em ciência do social são também “engenheiros sociais”, ainda mais – e não ainda menos – que estão na ponta da teoria. Isso se aplica em particular à geografia que, graças à sua reinvenção recente, é menos presa que outras por corporativismos intradisciplinares que levam, dentre outros transtornos, a separar e a isolar uns dos outros aqueles que “falam” e os que “atuam”.

4 | SÃO OS HABITANTES QUE FAZEM A CIDADE

O mundo do urbanismo – um termo que tende a englobar doravante todas as escalas do mundo urbanizado, inclusive o que chamávamos outrora “planejamento” – trouxe muito à ciência do social, especialmente ao mostrar a importância fundamental do espaço público, uma noção eminentemente geográfica que os geógrafos, entretanto, tinham abandonado até um período recente. Inversamente, a descoberta de que a urbanidade é antes de tudo o assunto dos atores, mais do que dos edifícios e das infraestruturas, contribuiu para tirar o “planejamento urbano” dos seus defeitos tecnocráticos. Para ser um bom urbanista hoje em dia, não é possível contentar-se em fazer-se de engenheiro ou arquiteto. Deve-se primeiro ser capaz de escutar a cidade que está se fazendo, reconhecendo aos habitantes o papel fundamental que ocupam nas dinâmicas urbanas.

Desde os anos 1970, dezenas de milhões de europeus escolheram o periurbano porque ali encontraram um bom equilíbrio entre factibilidade financeira e sonho bucólico. Se, com boas razões, atores políticos e pesquisadores chegaram à conclusão de que esta escolha é nociva para a urbanidade, a coesão social e a natureza, não podemos inverter a tendência ativando um “nós” místico que teria inventado “falsas necessidades” e empurrado os habitantes em direção a soluções ruins que seriam eles próprios os primeiros a rejeitar. Não. Se é que é possível, a superação do modelo periurbano passará pela movimentação da sociedade pelos seus próprios cidadãos, inclusive periurbanos, e esta evolução se

2 Embora possa haver divergências de entendimento e tradução entre o termo “*acteur*” em francês e o correspondente mais óbvio “ator” em português, quando usado nas ciências sociais, o autor preferiu manter o uso desta palavra do texto.

fará porque numerosos atores irão mudar de opinião sem serem forçados, mas porque serão imersos num debate público pluralista, especialmente alimentado pela pesquisa.

Essas novas maneiras de ver impõem mudanças profundas nas nossas maneiras de ver e agir. Em primeiro lugar, a distinção entre dois pares – cidade/campo por um lado, urbano/rural por outro – impõe-se porque permite compreender, em uma sociedade totalmente urbanizada, que o campo se tornou uma das figuras principais do urbano. É nessas declinações que se situam hoje as principais diferenciações espaciais nos países desenvolvidos. O que mudou é que, numa sociedade de indivíduos-atores, a escolha de localização do seu habitat e dos seus modos de habitar conta e que se torna uma grandeza social de maior importância, com um componente político manifesto (LÉVY, 2022). É a urbanidade, como combinação de densidade e de diversidade, que constitui o melhor fio condutor e a melhor via para se localizar nos dispositivos da mudança social contemporânea.

Depois, o fato de que os atores “comuns” se convidem à mesa da dinâmica histórica leva a perguntar sobre a articulação no trabalho dos profissionais da ação urbana, a análise do existente e a construção de projetos destinados a modificá-lo. Tivemos, durante muito tempo, o costume de realizar essa articulação de maneira cronológica, a análise primeiro e o projeto depois. Não obstante, tão cedo quanto entendemos que os principais fabricantes da cidade são seus habitantes, a compreensão do existente é tudo que mais tem de “operacional”, porque jamais um projeto de urbanismo será tão potente nem tão durável que as especialidades dos urbanos. Isto leva a uma pequena revolução: há pouco tempo, os “*experts*” propunham “diagnósticos” e os “planejadores” prosseguiram para desenhar “planos”. Doravante, a fase de observação inclui a análise das práticas e a *mise en scène* das expectativas dos cidadãos; e esta fase é síncrona com aquela da ação pública, que consistirá, no melhor dos casos, em colocar em coerência numa sociedade urbana cujo movimento resulta do agir de inumeráveis atores. Contudo, estes são muito capazes, como os profissionais, de intencionalidades estratégicas.

Hoje, tanto quanto aqueles que tiveram uma primeira formação em ciências sociais do espaço, muitos urbanistas oriundos da arquitetura reconhecem com boa vontade que tiveram que aprender uma nova profissão. Percebemos isso quando ouvimos estes urbanistas se valarem de ter dado como recomendação, para uma encomenda de projeto urbano: “não mudem nada”. O caso da “entrega” vazia de Anne Lacaton tornou-se um emblema (SHAMIEH & DOM RESEARCH LABORATORY, 2007; CUERVAS-MONS, 2009; WILSON, 2013; MELE, 2014).

Quadro 1 - Dois momentos da inteligência espacial

	Planejamento urbano (século 20)	Urbanismo contemporâneo (emergente)
Atores	Autor único, criação	Multiatores, coconstrução
Espacialidade	Monoescalar, monométrico	Espacialmente complexo
Temporalidade	Estática, realização	Dinâmico, emergência
Duração	Tempo curto	Temporalidades diversas, inclusive muito longas
Visão	Respostas	Desafios
Epistemologia	Dissociação análise/projeto	Integração análise/projeto
Tipo de produção	Objetos isolados	Démarche
Conteúdo da produção	Primazia do material	Combinação material/imaterial/ideário
Relação com o existente	Heterotopia	Homotopia
Profissões dominantes	Arquitetura/engenharia	Múltiplas, inclusive as ciências sociais
Linguagens	Primazia do visual	Linguagens múltiplas
Estética	Estética da composição	Estética da urbanidade

Fonte: ©Jacques Lévy, 2020.

Disso decorre uma nova abordagem da contratualização entre governo urbano e habitantes. O princípio do contrato é mais pertinente do que nunca porque diz respeito à formalização de interações entre atores que dispõem doravante de forças comparáveis. Não obstante, o que é um contrato que nunca está caduco, que é assinado por partes sempre mutáveis e que lida com desafios sempre abertos? E, quando se sabe que as “partes interessadas” (organizações, comitês, comissões...) mostram todos seus limites ao se estabelecer o diálogo urbanístico, quem então vai representar os habitantes – a não ser os próprios habitantes?

O contrato *de habitar* se apresenta como uma resposta simultaneamente simples no seu princípio e complexo na sua implementação. É então como *mediador* político entre atores espaciais que pode hoje ser definido o urbanista e esta tomada de consciência convida o pesquisado a lembrar-se de que, mesmo quando aqueles que dominavam a velha Geografia (VIDAL DE LA BLACHE, 1913) negavam isso, os lugares e as ligações entre os lugares sempre foram desafios políticos que era melhor explicitar para logo serem explicados. O habitar (LAZZAROTTI, 2006), que conecta de maneira não trivial e sempre inventando os lugares aos seres humanos, torna-se a noção mais federativa das ciências espaciais do social.

Hoje, pensar-se num mesmo movimento, geógrafo e urbanista, é, nesse sentido, o mínimo porque, nos dois casos, se trata de aproximar-se da complexidade do habitar, como tensão entre espaço e espacialidade, entre ambientes e atores e isso em todas as escalas, do local ao mundial. Nos dois casos, é a *inteligência espacial* (PONCET, 2017) que está em jogo.

Isso é verdade também para as novas realidades que emergiram nas escalas continentais e mundial. A sociedade europeia inventa pacífica e democraticamente seu Estado, a União Europeia: é um problema geográfico inédito e fascinante que é aqui colocado (KAHN; LÉVY, 2019). O conhecimento da história dos impérios e dos Estados-nação não é suficiente para ver de forma clara. Quando o mundo, que não tem inimigos senão numerosos problemas, procura vias para fazer sociedade,

também é um enigma apaixonante para o qual os geógrafos estão bem situados para, com todos aqueles que esta escala concerne, observar, descrever, analisar, resolver e compreender.

5 | O ESPAÇO MAIS VISÍVEL E MAIS ATIVO

A boa notícia é também que a dimensão espacial dos mundos sociais se tornou mais visível. Durante aproximadamente cento e quarenta anos (1850-1989) no Ocidente, tínhamos assistido a debates políticos limitados, nos quais a dimensão monetária do progresso individual e societal esmagava todas as outras, enquanto os Estados, supostamente soberanos, defendiam veementemente o dogma da escala única do político.

Isso tudo não mudou em um instante, mas:

1. enquanto, nas sociedades rurais, dominava uma definição permanente da residência de quase todos, a urbanização generalizada enfraqueceu a fidelidade a comunidades que articulavam o estatuto econômico, as filiações religiosas e os enraizamentos territoriais se desmoronaram, e são hoje os modos de habitar escolhidos que fazem a diferença em termos de orientações políticas legíveis sobre os mapas eleitorais.
2. as revoluções da mobilidade e da telecomunicação fazem de cada indivíduo um ator multiescalar, o único que pode unificar todas as escalas, do infralocal ao mundial e mostrando, por contraste, os limites do capital espacial das sociedades apegadas ao solo;
3. a consciência ecológica coloca o problema de uma saída por cima (“desenvolvimento sustentável”) ou por baixo (“decrescimento”) do Neolítico e isso acelera a tomada de consciência de que o mundo está a cargo da Terra, essa coespacialidade entre entidades de mesma extensão colocando, por sua vez, problemas geográficos de um novo gênero.
4. na Europa, a relativização do Estado nacional pela criação de uma nova governabilidade continental reforçou as escalas infranacionais e reativou em todos os lugares os debates sobre o federalismo.

Essas mudanças deram maior visibilidade às abordagens espaciais, não por efeitos de ciclos das correntes de ideias, mas porque, cada vez mais, o espaço conta. São poucos aqueles para quem, doravante, o componente espacial do mundo não seria mais que uma periferia intelectual de processos explicativos que nada teriam de espacial. O parêntese reducionista, que muito enfraqueceu as ciências sociais, encerra-se. Se o espaço e as espacialidades se convidam no cenário cognitivo, é porque o seu poder explicativo se impõe, frequentemente a contracorrente do conservadorismo acadêmico. A inteligência espacial tornou-se mais central na inteligência do social e isso dá àqueles que o espaço interessa maior grau de responsabilidade.

6 | A INTELIGÊNCIA ESPACIAL, CIÊNCIA CIDADÃ

O que mudou fundamentalmente, sobretudo, é que vivemos, cada dia um pouco mais e em todas as escalas, no que Norbert Elias (1991) chamou de *sociedade dos indivíduos*: um sistema social que, em comparação com as situações históricas precedentes, se caracteriza por *mais sociedade e mais indivíduo*. Resulta daí duas consequências essenciais na vida dos pesquisadores.

Em primeiro lugar, esses indivíduos são, ao mesmo tempo, estrategistas de suas biografias e cidadãos cultos. Eles sabem o que eles querem e não podemos fazê-los mudar de opinião a não ser pela argumentação e convicção, e não pela manipulação ou retórica.

A nostalgia de um mundo no qual podíamos tratar os humanos como coisas não é produtiva porque enfrenta uma resistência feroz daqueles que se sentem, com ou sem razão, objeto de tentativas de manipulação. Assim, as reticências libertárias de uma parte dos cidadãos em se engajar plenamente na bifurcação em direção ao desenvolvimento sustentável têm que ser pensadas de forma simétrica com o ativismo daqueles que pensam que é mascarando as controvérsias científicas, apresentando os seus detratores como “revisionistas” ou convidando os cidadãos a expressarem a vergonha de ter maltratado a natureza durante dez mil anos que se obterá o acordo deles para políticas climáticas audaciosas.

Aqueles que, aristocraticamente, se autoproclamam “mestres” e acreditam que, ao estigmatizar os cidadãos comuns como maus alunos, poderão lhes impor, à força, “mudanças de comportamentos”, estão errando de época. Quando era possível tratá-los assim, é porque eles ainda não eram cidadãos, mas agentes políticos reduzidos pela miséria, ignorância e lealdade comunitária que os privou de conhecimento reflexivo. O tempo da inteligência espacial é também o tempo dos saberes democraticamente co-construídos e compartilhados.

Isso significa que o que podemos chamar de democracia interativa não é um luxo ou um suplemento de alma, mas uma necessidade.

Em complemento da democracia representativa, cujo caráter não interativo – o fato de que os representantes eleitos possam deliberar sem pressão direta dos seus eleitores – aparece mais valioso do que nunca, trata-se de instaurar dispositivos permanentes de expressão, orientação e proposição, articulados às instituições políticas clássicas. Observamos a grande qualidade do trabalho realizado na França pela *Convention citoyenne pour le climat (2019-2020)*³. Contudo, ao interrogar-se sobre o hábitat, as mobilidades, o espaço da produção e do consumo, esses cidadãos sorteados e sem formação particular inventaram, com boa vontade notável, novas maneiras de abordar os grandes desafios, depois de um esforço particularmente espetacular de autoaprendizado e de distanciamento das suas próprias crenças iniciais.

A segunda consequência dessas transformações cabe ao que podemos chamar de “ciência cidadã”. Os pesquisadores são atores do conhecimento dotados de competências específicas, mas não são os únicos. Em um mundo de atores, pequenos e grandes, uma dessas competências se assenta justamente sobre a escuta de outros atores. Ser pesquisador em ciência do social (DULAC, 2022) não é anunciar aos cidadãos litânicas de TINA (*There is no alternative*), como

³ O rizoma de pesquisa Chôros (www.choros.place) faz parte das equipes de observadores que acompanharam o conjunto de trabalhos da Convenção.

se apenas existisse uma solução para o desenvolvimento da humanidade. Esse tipo de “fatalidade” os eventos que seguem se encarregam, inevitavelmente, de reduzir a pouca coisa. O engajamento do pesquisador não consiste em vestir as suas preferências ideológicas de um palavreado esotérico.

Lutar contra a corrupção começa por uma mobilização de todos os instantes contra a sua própria corruptibilidade, que não se mede apenas em dinheiro sujo, mas também em mudança fraudulenta de papel social ou abuso de poder intelectual. No fundo, o contrato social da ciência cidadã consiste, para os pesquisadores, em mobilizar todas as suas capacidades a fim de contribuir para ajudar os cidadãos a elevar o seu nível de reflexividade para imaginar e construir futuros desejáveis. A aliança indissociável entre liberdade da pesquisa e responsabilidade perante a sociedade baseia-se sobre a compatibilidade fundamental (e não a antinomia) entre os dois termos: não há pós-verdade para as ciências, seja qual for o pretexto! Essa unidade sempre em obra expressa o contrato cognitivo que todo pesquisador constrói com seus concidadãos. É a contribuição do mundo científico para uma mutação em curso: a passagem das normas morais aos valores éticos (LÉVY, 2021).■

Recebido em: 24-05-2023

Aceito em: 13-07-2023

REFERÊNCIAS

- CUERVAS-MONS, Ion. Do nothing, with urgency! *Thinkbig Lab*, Summer 2009. Disponível em: <<http://thinkbig-lab.com/blog/do-nothing-with-urgency>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- DULAC. *Pour une science du social*. Paris: Éditions du CNRS, 2022.
- ELIAS, Norbert. *La société des individus*. Paris: Fayard, 1991.
- KAHN, Sylvain ; LEVY, Jacques. *Le pays des Européens*. Paris: Odile Jacob, 2019.
- LAZZAROTTI, Olivier. *Habiter, la condition géographique*. Paris: Belin, 2006.
- LEIBNIZ, Georg Wilhelm. Correspondance avec Samuel Clarke. In: ROBINET, André. *Correspondance Leibniz-Clarke*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- LEVY, Jacques. Sortir du pavillon disciplinaire. In: DARBELLAY, Frédéric; PAULSEN, Theres (Dir.). *Le défi de l'inter- et transdisciplinarité/Herausforderung Inter- und Transdisciplinarität*. Lausanne: PPUR, 2008, p. 197-204.
- LEVY, Jacques. *L'humanité : un commencement*. Le tournant éthique de la société-Monde. Paris: Odile Jacob, 2021.
- LEVY, Jacques. *Géographie du politique*. Paris: Odile Jacob, 2022.
- LEVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Dir.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, nouvelle édition, 2013.
- MELE, Fabiola. Place Léon Aucoc, Lacaton et Vassal : un “non-intervento” di ammirevole semplicità », *Artwort*, 2014. Disponível em: <<http://www.artwort.com/2014/05/08/architettura/place-leon-aucoc-lacaton-et-vassal-non-intervento-ammirevole-semplicita/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- PONCET, Patrick. *Intelligence spatiale*. Rennes: PUR, 2017.
- SHAMIEH, Michael; DOM Research Laboratory (Ed.). *Organizing for Change/Profession: Integrating Architectural Thinking in Other Fields*. Bâle: Birkhäuser, 2007.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Des caractères distinctifs de la géographie. *Annales de Géographie*, v. XXII, n. 124, p. 289-299, 1913.
- WILSON, Robin. Not Doing/Overdoing: ‘Omission’ and ‘Excess’: Lacaton & Vassal’s Place Léon Aucoc, Bordeaux, and Construire’s Le Channel, Scène Nationale de Calais, Calais. *Architectural Design, The Architecture of Transgression*, n. 83-6, p. 44-51, 2013.